

Ide, Fazei Discípulos

Ivan M. Baker

Esse material pode ser utilizado,
impresso e distribuído livremente



Em 1998, um discípulo chegou até mim com um velho e danificado disquete de computador nas mãos e disse: *“não sei do que se trata, mas você deve se interessar, está escrito: fazei discípulos”*. Depois de alguns dias consegui recuperar o conteúdo do disquete, que continha um único arquivo num formato antigo de editor de textos. Converti o arquivo para um formato legível e ao abri-lo, tive a grata surpresa de me deparar com esse precioso material de Ivan Baker sobre fazer discípulos, que agora disponibilizo aos irmãos para edificação de todos.

Ricardo de Paula Meneghelli

www.odiscipulo.com

Índice

Índice.....	1
Prólogo.....	2
Introdução.....	5
1 Ide.....	7
Quem Deve Ir ?	9
Nação ou Povo de Sacerdotes.....	10
Testemunha de Cristo	12
2 Fazei.....	15
3 Discípulos.....	21
O que é um Discípulo?	22
O Que Caracteriza um Discípulo?.....	23
1. Nasceu do Espírito Santo.	23
2. Está sujeito ao Senhor e sofre por Ele.....	25
3. Produz Fruto	27
Apêndice	41

Prólogo

Corria o ano de 1967. Já transcorrera um ano, desde que o Senhor tinha derramado seu Espírito Santo sobre a pequena igreja rural de Isidro Casanova, na província de Buenos Aires. Durante muitos meses a nossa atenção tinha sido dirigida para o nosso interior, pois estávamos intensamente ocupados em "por ordem na casa". No entanto, sentíamos agora um desejo intenso de projetar-nos fora, para que outros pudessem receber aquilo que o Senhor estava derramando abundantemente sobre nós. Queríamos evangelizar!

Sentíamos, entretanto, um temor, uma dúvida, algo que nos detinha: se antes, embora estivéssemos seguros de nossos conceitos, tínhamos errado tanto em assuntos de fundamental importância, como o batismo no Espírito Santo e os dons, será que não tínhamos necessidade de uma nova orientação quanto aos conceitos da evangelização?

Certamente não nos passava pela mente que pudesse haver erro na mensagem: isso, afinal, era inconcebível. Mais propriamente admitíamos que teríamos que fazer algumas mudanças quanto à forma e quanto aos métodos. Temíamos voltar aos velhos moldes ineficazes.

Pensando nisto, propusemo-nos dedicar algum tempo à oração. O clima espiritual que vivíamos e as experiências múltiplas que tínhamos tido asseguravam-nos que o Espírito Santo nos daria no momento preciso as indicações de que necessitávamos. Foi assim que, num sábado, nos propusemos a passar a tarde em oração.

Confesso, como antes já dissera, que estávamos certos em nossos corações de que não poderia haver nenhum erro em relação ao que aprendêramos sobre o mandado do Senhor e sobre a mensagem que deveríamos comunicar. Entretanto, aqui estávamos rezando e dizendo: "*... se tendes algo a nos ensinar... se há alguma coisa que não compreendemos... se tendes algo a nos corrigir... estamos abertos, sensíveis... como crianças...*". Na verdade estávamos abertos e preparados para qualquer correção, desde que viesse do Senhor.

Havíamos entendido que é preciso rezar e esperar que o Senhor fale. Foi assim que, depois de orar por uma hora ou mais, dispusemo-nos a escutar. Perguntei se alguém tinha algo a dizer. Depois de longo silêncio, um jovem levantou-se e repetiu as palavras de Cristo a seus discípulos: "*Vinde comigo que farei de vós pescadores de homens*" (Mt. 4:19).

A iluminação do Espírito começou a penetrar em nossos corações a partir desse momento. Essas palavras se nos apresentavam como uma mensagem do

Senhor diretamente a nós - bem ali - no lugar em que nos encontrávamos! Muito embora - confesso - nesse momento não percebêssemos tudo o que estava acontecendo.

Começamos estudando a frase. Espontaneamente as palavras do Senhor apresentavam duas considerações:

a) "*...farei de vós pescadores de homens...*": este era o objetivo, e

b) "*Vinde comigo...*" assinalava a condição que deviam preencher os que pretendessem atingir esse objetivo.

À primeira vista, estas palavras do Senhor descreviam admiravelmente nosso desejo e nos ofereciam um excelente ponto de partida: queríamos "pescar homens" e esse era o propósito de Deus na evangelização! Mas, logo nos perguntávamos: Já cumprimos as condições requeridas pelo Senhor? O que contêm estas palavras "*Vinde comigo...*"?

Não demoramos em aplicar-nos à revisão das Escrituras, para encontrar outras passagens que esclarecessem o que significa "*seguir a Cristo*", "*vir após Cristo*". A condição indispensável para se pertencer a "seu rebanho" está destacada por João (10:26-28). Causou-nos impacto a maneira tão simples, mas eloqüente, com que o Senhor reconhece aqueles que lhe pertencem: "*ouvem a minha voz - me seguem...*". Outras passagens brilhavam em letras de fogo ante nossos olhos: Marcos 8:34-38; Lucas 9:23; 14:25-33.

De repente toda a nossa atenção se concentrou, não já na evangelização, mas no seu produto, isto é, naquilo que é aos olhos de Deus um discípulo! Começamos a inquietar-nos e a ficar temerosos. Um discípulo, aos olhos do Senhor, era coisa bem diferente do que tinha sido o produto de nossa pregação. Saltava aos olhos que Cristo pregava outra coisa... tinha outra mensagem! O lema "crer para se salvar" começava a revestir-se de novas cores e uma enxurrada de perguntas bombardeava nossas mentes.

Em vão procuramos encontrar base nos ensinamentos de Cristo e de seus apóstolos para o Evangelho "ligeiro" que tínhamos estado pregando. Mesmo versículos-chave, que tinham sido os pilares de nossa pregação, se revestiam de outro significado, quando recuperavam seu justo valor dentro de seu contexto. Agora descobríamos os fundamentos da mensagem dos séculos - o antigo e único Evangelho de Jesus Cristo - o Evangelho que tem poder transformador, com o qual se forjaram as primeiras comunidades através da pregação dos Apóstolos. Encontrávamo-nos aturdidos, conturbados, de certo modo confusos, apesar de que uma enorme felicidade começava a dominar-nos, enquanto a verdade, qual torrente impetuosa, alagava nossos canais espirituais. Podia-se dizer com justeza: "*melhor que seja Deus veraz, e todo homem mentiroso...*"!

Na quinta feira seguinte fiz meu primeiro sermão sobre "*O Evangelho que devemos crer e o Evangelho que devemos pregar*". O efeito foi tão grande que muitos se sentiam perdidos. Foi um abalo formidável, mas que, ao final, foi muito saudável. Esta mensagem posteriormente estava destinada a transformar nossa pregação e a fisionomia de nossa igreja.

Estamos vivendo em um tempo em que o Espírito Santo se move como um vento rijo para a frente e amplamente em todo o mundo, para restaurar a igreja. A primeira obra do Espírito Santo é a de reparar seus alicerces: o ponto essencial de partida. Mas, Ele não pode refazer corretamente seus alicerces, se nós, os servos do Senhor, não temos uma compreensão clara da mensagem que Cristo nos enviou para pregar às nações. É desse conhecimento que desprende fundamentalmente "o chamado" do Senhor e suas exigências, que Ele estabelece de modo igual para todos os que pretendem segui-lo. Além disso, é essencialmente por meio desse conhecimento que se lançam as bases, sobre as quais Cristo edifica sua igreja. De tal maneira que é impossível falar de redimidos ou de igreja, se não se tem um conhecimento claro da mensagem que Cristo nos enviou para pregar. É de igual importância conhecer como o Senhor quer ser anunciado.

Daí vem a razão dos capítulos que se seguem, os quais são oferecidos com o fervente desejo de que sirvam para contribuir para esse conhecimento nas mãos do Senhor e por meio do poder iluminador do Espírito Santo.

IVAN M. BAKER

"JESUS CRISTO é espírito vivificante, é vida que flui e comunica vida aos que estão mortos espiritualmente. Esta revolução espiritual se realiza por meio do poder do Espírito Santo encarnado nos que seguem a Jesus: eles são o ponto de contato entre essa Vida e os que estão mortos. Se o plano de Deus para a salvação do mundo não mudou e tampouco minguou o poder de Jesus Cristo, por quê tantos que professam segui-lo carecem desta fonte de poder? Uma consideração séria desta questão nos conduz à revisão de nossos métodos de evangelização e, até mesmo, da própria mensagem".

Introdução

No afã de evangelizar, esforçamo-nos por estudar muitas formas e métodos, desde os que se dirigem ao indivíduo, designados como "evangelismo pessoal", até os que se empregam nas grandes campanhas, que abarcam cidades inteiras, e até mesmo nações. Certamente nos falta muito pouco a descobrir, no que se refere a métodos.

Alguns se sentem animados e dispostos a seguir fazendo funcionar a "maquinaria evangelística"; outros expressam com franqueza que estão desalentados. O que nos desconcerta é a desproporção que existe entre o enorme esforço realizado quanto a pessoas, tempo e dinheiro, e o fruto tão limitado que permanece. São motivo de preocupação não só as grandes campanhas, mas também os esforços locais e até mesmo a pregação no púlpito das igrejas.

Muitos de nós, querendo sair dessa dificuldade, lançamos mão do evangelismo pessoal, como recurso mais direto para comunicar a mensagem. Não há dúvida de que o resultado foi mais satisfatório e que grande parte do "fruto que permanece" dos massivos esforços dependeram substancialmente do trabalho pessoal dos crentes. Entretanto, mesmo neste campo, não conseguimos a colheita desejada.

Os dados estatísticos, que podemos recolher, nos deixam assombrados, pois, depois de tanto esforço, mostram não só uma quantidade ínfima de crentes em relação à população, mas também que esta desproporção, longe de ser absorvida, aumenta, levando-se em conta o crescimento demográfico. É impossível considerar esses fatores com sinceridade e não alarmar-se!

Alguns se consolam, dizendo que *"é estreita a porta... e são poucos os que a encontram"*, mas, será tão estreita? Serão tão poucos? Tranqüiliza-nos a lembrança da primeira comunidade de Jerusalém. O que havia nesses cristãos que lhes deu tão abundantes frutos e de tão boa qualidade? Em pouco tempo esses cristãos conseguiram uma gigantesca expansão que encheu com o Evangelho o mundo inteiro conhecido!

Para muitos tudo isto não passa de um acontecimento histórico, irrealizável nos tempos de hoje. Alguns opinam que o êxito deveu-se em grande parte às condições político-sociais da época. Outros opinam que era vontade de Deus agir assim naqueles tempos - algo como a inauguração de seu programa de evangelização -, mas que em nossos tempos nos toca aceitar irremediavelmente

as condições tais como se apresentam. Estes não conseguem encontrar a renovação e a revigoração da igreja nestes tempos e, se as encontrassem, não as reconheceriam como tais, por estarem fora de época: segundo os mesmos, tais coisas não cabem em suas definições teológicas para estes tempos.

Outros pensam que somente num clima de perseguição podem-se conseguir esses resultados. Entretanto, durante a última década, vimos a igreja padecer uma perseguição semelhante em vários países, porém, não foi notado o mesmo resultado. As perseguições foram provocadas ultimamente por razões ideológicas e políticas; ao contrário, no tempo dos primeiros cristãos, foram resultado da própria ação da igreja!. Era uma força avassaladora, que desafiava a estabilidade da religião hipócrita e ainda propunha lançar as bases de uma nova ordem social. Era uma guerra direta entre Cristo e o diabo. Os poderes de Satanás se mobilizaram, porque Cristo ressuscitado e triunfante estava presente em seu povo com todo o seu poder!

Arranjamos um monte de desculpas para justificar o nosso estado de frustração. Como a avestruz, procuramos um lugar onde enfiar a cabeça para nos esquecermos do assunto. Seria demasiado sério ter que enfrentar a responsabilidade e reconhecer que nos descuidamos do maior de todos os empreendimentos; que cometemos o mais grave pecado, o de sermos "*servos negligentes*". A Igreja sectarista se iludiu prazerosamente com belos e suaves discursos, poluiu seus métodos e dignificou seus pregadores: seus baús estão cheios e ostenta com satisfação sua grande organização e seus magníficos edifícios. No meio dessa ostentação mundana se escutava "um rumor". Alguém pergunta: "*Meus filhos, tendes algo para comer?*". O que vamos responder?

À meia-noite, as virgens sonolentas despertaram, diz o Senhor. Está na hora de acordar? Temos bastante óleo para as lamparinas? Temos meios para atear as mechas? No meio da noite poderá arder novamente e fortemente a luz do testemunho?

Se nos humilharmos e confessarmos, nosso Amado nos escutará; se clamarmos, Ele nos perdoará e "purificará a terra". Talvez seja isto o que tenha começado a acontecer no mundo inteiro. Aleluia! Os recursos ilimitados de nosso Pai celestial estão ainda à disposição daqueles que Ele ama. Temos óleo fresco para as lamparinas. Mas, mesmo assim, precisamos esclarecer algumas coisas...

1 | Ide

Fica difícil meditar o anúncio do Evangelho, sem levar em consideração o mandado que o Senhor legou a seus discípulos no monte da Galiléia, imediatamente antes de sua ascensão aos céus. São Mateus, São Marcos e São Lucas nos mostram distintos aspectos dessa prática e é a conjunção desses três testemunhos que foi chamada "A grande missão". Marcos destaca o alcance universal do chamado e a atenção que o Senhor dedica a "toda criatura", enquanto descreve os sinais que se seguirão à pregação. Lucas, entre outras coisas, sublinha o arrependimento e o perdão dos pecados.

Geralmente os crentes estão mais familiarizados com as palavras de Marcos: "*Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura...*", mas é Mateus que nos dá a chave para todo este estudo. Ele nos diz:

Mt.28 18-20 "*E, aproximando-se, Jesus lhes disse: Todo o poder me foi dado no céu e na terra; ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei. E eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo*".

A chave de interpretação pode ser encontrada nas três curtas palavras que expressam um mundo de verdade que a Igreja parece ter esquecido: "**Ide... fazei... discípulos**". Ao redescobri-las, uma multidão de pastores e líderes em todo o mundo está encontrando uma formidável revolução que lhes está devolvendo o sabor do Evangelho dos primeiros tempos e aquela simples, mas frutífera e impossível de melhorar, maneira de anunciá-lo. Em primeiro lugar, consideremos a palavra **IDE**.

É assim que encontramos esta palavra traduzida na maior parte das versões do Novo Testamento. Não obstante, alguns tradutores, como Stephens, (*The Greek text of Stephens, 1550, "The Englishman's Greek New Testament" - Samuel Bagster & Sons Ltd., London*) traduzam por "*indo*". Stephens dá ao termo maior dinamismo, uma vez que dá a entender que o fazer discípulos deve ser uma tarefa continuada dos seguidores de Jesus Cristo. É como se dissesse: "*Enquanto atendeis aos trabalhos diários,... fazei discípulos!*". Isto combina com o conceito evangélico, uma vez que, no fundo, para fazer discípulos, temos necessidade de entrar em contato com os homens, e nenhum contato será melhor do que aquele que nos oferece a convivência cotidiana com nossos semelhantes.

Mas, seja usando a palavra "ide", ou a palavra "indo", há um ponto essencial em que estas duas expressões coincidem: ambas conotam ação por parte dos enviados do Senhor. Estes, movidos por seu mandato, caminham em busca dos necessitados.

Esta atitude revoluciona completamente o conceito que geralmente se tem: em lugar de querer atrair as pessoas aos nossos lugares de reunião, devemos executar uma reviravolta e aprender a "levar a reunião às pessoas".

De fato, se queremos mover as pessoas e entendemos que somos nós os que devemos mover-nos, teremos dado o primeiro passo em direção à verdadeira evangelização e obediência ao mandato do Senhor! Mais. Deste modo resolveremos grande quantidade de problemas. Em vez de nos afanar-nos por alcançar os meios - cada vez mais complicados e difíceis - para atrair as pessoas a nossos cultos, resultar-nos-á muito mais simples irmos em sua direção, uma vez que afinal somos aqueles que podem e devem fazê-lo.

Por ventura podem eles vir até nós? Acaso não somos nós que fomos preparados por Deus para ir até eles? Ao entender aquilo que Deus diz sobre a condição dos que estão perdidos, ficaremos convencidos de que eles não podem vir até nós!

Concretamente três coisas nos são declaradas a seu respeito:

- que estão aprisionados (Lc.4:8)
- que estão cegos (2ª Cor.4:4)
- que estão mortos (Ef.2:1)

Torna-se um trabalho muito difícil querer movimentar um preso ou um morto; ou querer fazer um cego ler. Constatamos que a maior parte do nosso esforço foi empregada erroneamente. Agora compreendemos o porquê do nosso esforço minúsculo. De certo voltamos as costas ao mandato: entendemos mal a própria base do Evangelho! Já no primeiro passo erramos e perdemos o sentido da rota. O fruto significativo do nosso trabalho foi a exceção e não a regra. Foi como que pescar com a mão e não com anzol e isca. Ou então, como aquele que lança o anzol na praça e não no mar.

"Venham assistir ao nosso culto"... "Venham à reunião"... "venham escutar nosso cantor"... "nosso coro"... "tal ou qual conjunto ou tal ou qual pregador"... Estas são as clássicas e desgastadas frases que temos lançado aos ouvidos das pessoas, SEM PENSAR QUE ELAS NÃO PODEM VIR E QUE O SENHOR TAMPOUCO NOS MANDOU OBRIGÁ-LAS A VIR ATÉ NÓS!

É outro o lema, é outro o mandato; o plano de Deus não mantém relação alguma com o nosso. Admitamo-lo e aprendamos a regra:

- Aquele que é livre, vá ao encontro do cativo!
- Aquele que recobrou a vista, vá até ao cego para abrir-lhe os olhos!
- Aquele que ressuscitou, vá até aquele que está morto para ressuscitá-lo!

Se encaminharmos as coisas em sentido inverso a este, ver-nos-emos ante uma situação ilógica e impossível. Estamos dormindo; seguimos sonolentos a multidão, as vozes, o costume... não estamos ouvindo o Senhor!

Entretanto, há sinais em todo o mundo, de que o ruído da "maquinaria evangelística" está minguando, e o ouvido do povo de Deus começa a perceber novamente o clamor de seu Mestre, dizendo: "IDE" e "EU VOS ESCOLHI A VÓS E VOS DESTINEI PARA IRDES..." (Jo 15:16).

Mas, o Senhor não apenas nos *disse* que devemos ir, mas também nos deixou o mais claro exemplo disso: seus pés se movimentaram incansavelmente. Ele ia ao próprio lugar onde se encontrava o pecador; era ali, frente a frente, cara a cara, que pronunciava sua mensagem: "Vinde a mim..." O Senhor pregava nas ruas, nas praças, e em qualquer lugar público; deste modo o Evangelho chegava aos ouvidos dos pecadores no mesmo lugar em que estes se encontravam.

Os apóstolos e discípulos do primeiro século imitaram ao Mestre e já a partir do dia de Pentecostes a mensagem saiu das alturas e começou a saturar os lugares públicos. O templo (em dias de sábado, dias de aglomeração), as ruas, o pórtico de Salomão e os caminhos constituíam o cenário comum das pregações. Eles enfrentavam os indivíduos, os grupos e as multidões no mesmo lugar onde eles voluntariamente se teriam reunido. Em ocasião alguma os vemos gastar tempo, energias ou dinheiro para procurar atrair as pessoas a algum lugar escolhido pela igreja; esperavam que tal ocorresse depois, quando já tivessem sido salvos.

Podemos esperar que excepcionalmente alguns assistam nossas reuniões, MAS, ISTO NUNCA PODERÁ SERVIR COMO BASE PARA A EVANGELIZAÇÃO, SE DESEJAMOS A APROVAÇÃO DO SENHOR!

Quem Deve Ir ?

A Palavra encerra outra consideração de vital importância: a quem está dirigido o mandato do Senhor? Quem deve ir?

Se pedíssemos uma opinião, ser-nos-iam dadas diversas respostas, revelando que existe uma grande confusão neste assunto. Alguns opinariam que o mandato compete aos evangelistas; outros diriam que, além destes, compete aos pastores e mestres. Alguns sentiriam que cada crente também deve ir; mas, se solicitamos base nas Escrituras, teriam dificuldades em dar-no-las. É lamentável que se "opine", que se "sinta", mas, na maioria das vezes não se tem

uma convicção sólida. Neste assunto de tanta importância não é suficiente sentir de uma ou outra maneira; é preciso andar em completa claridade.

Se os "filhos deste século" se movimentassem nos seus empreendimentos como a igreja se move na pregação, quase todos os negócios no mundo iriam à bancarrota! Muito bem disse o Senhor: *"Os filhos deste século são mais avisados... que os filhos da luz"* (Lc.16:8). É extraordinário vê-los revisar constantemente os seus métodos e controlar minuciosamente o andamento de seus negócios. Eles descobriram que SEM DEFINIÇÃO, NÃO HÁ OBRA! Revisemos, portanto, este ponto essencial com o maior cuidado.

Primeiramente devemos compreender que a Igreja, como um todo, está chamada à evangelização, por ser:

Nação ou Povo de Sacerdotes

Israel se constituía de sacerdotes e povo. A igreja, ao contrário, está formada integralmente por sacerdotes: é uma nação de sacerdotes. Como sacerdotes, nossa missão é dupla: a de *"oferecerdes sacrifícios espirituais"* ao Senhor (1Pd 2:5) e a de realizar a reconciliação em favor dos que estão perdidos; não com sacrifícios de animais e oferendas colocadas ante um altar, senão por meio da obra vicária de Cristo. A pregação da cruz é a base deste ministério (2Cor. 5:18-20). Deixemos, portanto, bem claros estes dois princípios básicos, estabelecidos pelo Senhor:

1. Todo redimido é um sacerdote! Se é redimido, pertence ao povo de Deus e, se pertence ao povo de Deus, é sacerdote; seja homem ou mulher, tenha sido salvo há pouco ou muito tempo. Sua condição de sacerdote nada tem a ver com outros dons e ministérios que o Espírito lhe tenha conferido. Ao nascer na família de Deus, já é um sacerdote: isto foi determinado pelo Senhor! *"...vós sois linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido..."*. Não pode haver nada mais claro e definitivo.

2. Cada sacerdote está constituído para pregar o evangelho de Cristo. Assim o explica Pedro, dizendo: *"...para que anuncieis as virtudes d'Aquele que vos chamou das trevas para sua luz admirável"*. Anotemos o termo da conclusão: "para que"; aqui Pedro dá a razão deste sacerdócio, que é anunciar a Cristo.

Deste modo, anunciar o Evangelho não é obra apenas de evangelistas, senão também de TODO O POVO DE DEUS, DE TODA A IGREJA... e, por conseguinte, DE CADA UM DOS REDIMIDOS! Os que têm o dom de evangelista terão uma função destacada na pregação, mas há uma função básica que é comum a todos os membros do Corpo e é a esta função que se refere Pedro. Os discípulos em Jerusalém entenderam muito bem; para eles a pregação não

dependia daquilo que Pedro ou Felipe pudessem fazer: toda a multidão dos redimidos se movimentava para evangelizar!

Nunca devemos perder de vista a natureza dos redimidos; o menor deles não é nada menos que um

- Escolhido,
- Santo,
- Adquirido por Deus
- e Sacerdote!

Seria errado confundir os dons do Espírito, ou as diferentes funções dos membros do Corpo, com hierarquias ou castas, provocando diferenças entre os que Deus formou com uma só natureza, como um corpo único.

É claro que não podemos cometer o desatino de reconhecer virtudes onde não há. O nível espiritual muitas vezes é tão baixo que não sabemos relacionar o que diz Deus com a classe de crentes, que são em grande parte membros de nossas congregações. Isto deveria levar-nos à reflexão. Quando a situação está assim, a responsabilidade recai sobre os pastores, antes que sobre a grei. Em tais circunstâncias seria impróprio fazer "ajustes doutriniais", para aceitar a situação, aduzindo "males da época", ou que estamos vivendo em tal ou qual "tempo profético". Embora seja difícil, é melhor enfrentar de cara o problema e dirigirmo-nos ao trono de Deus para obter "o socorro oportuno". Nossa missão, se acaso somos pastores da grei, é formar um povo pleno do Espírito Santo.

O halo da glória desapareceu de tantas congregações, porque não mais se reconheceu que, para executar as obras de Deus, é indispensável ter o poder sobrenatural do Espírito Santo. Intentamos produzir filhos para Deus e servos de Jesus Cristo através de meios humanos. Trabalhamos durante anos para formá-los, fazemos grandes gastos, estamos de posse de uma indiscutível sinceridade e entusiasmo, mas, quando chegamos ao fim da obra, damos-nos conta de que produzimos "algo" que está longe de possuir as virtudes necessárias para funcionar para o que Deus quer.

Demos outra vez oportunidade ao Espírito Santo e logo teremos um exército de verdadeiros discípulos, cheios de vida e autoridade, capazes de servir ao Senhor.

Enquanto for o Senhor quem "traga todo dia à igreja aqueles que serão salvos", enquanto pudermos dizer em verdade que, nós, cristãos, somos "obra de Deus", então não será difícil para Deus restabelecer o ministério em sua casa e produzir um exército de evangelizadores!

A regra divina é inalterável: cada redimido deve ouvir a voz de seu Senhor, que lhe diz: "ide", porque é um SACERDOTE de Deus. Mas, cada redimido deve sentir-se responsável por ouvir o chamado do Senhor à evangelização, não somente por ser sacerdote, mas também por ter sido constituído por Deus como:

Testemunha de Cristo

O Senhor havia dito aos seus:

Lc 24:49 *"Eu vos mandarei o que meu Pai prometeu. Por isso, permanecei na cidade até que sejais revestidos da força do alto".*

O Senhor iria investir do poder que vem do alto aos seus servos e, para isto, era necessário que aguardassem em Jerusalém.

Agora interessa-nos saber duas coisas fundamentais para nosso estudo: QUEM deve receber a unção? e PARA QUÊ serve a unção?

1. QUEM deve receber a unção? Pedro, dirigindo-se a seus ouvintes no dia de Pentecostes, se expressa deste modo, quanto ao dom do Espírito Santo: *"...a PROMESSA é para vós, (e aqui, sem dúvida, se refere ao mesmo que foi dito pelo Senhor segundo Lucas e que mencionamos acima), para vossos filhos e para todos os de longe que o Senhor nosso Deus os chamar para si".* Inferimos, portanto, que a promessa da investidura do Espírito Santo é para toda a igreja, destina-se a CADA REDIMIDO.

2. PARA QUÊ serve a unção? A resposta a esta pergunta encontramos em Atos 1:8, onde o Senhor diz: *"...descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força e sereis minhas testemunhas..., até os confins da terra".* É evidente, pois, que a investidura do poder do Espírito Santo é PARA SER TESTEMUNHAS DE CRISTO!

Permitamos, então, que o Espírito revolucione os conceitos que obscureceram nossa visão e que se constituíram em estorvo para o Espírito Santo. Permitamos que Deus execute seu plano perfeito; ouçamos sua voz *"eu vos escolhi a vós e vos destinei para irdes..."*. Quando formos, vamos TODOS!

!De ovejas cuántas vagan! Del redil muy lejos van
en la montaña triste com frio y hambre están;
o en tenebroso bosque, en medio del zarzal,
o en peña peligrosa, expuesta a gran mal.

Vayamos a buscarlas,
en el nombre del Señor,
y gran gozo habrá para quien podrá
atraerlas al Pastor.

!Oh! ¿Quién irá buscarlas? ¿Quién por la compasión
de Dios, irá buscarlas, do están en perdición?
¿Quién se dará molestias, quien sufrirá dolor,
por el gozo de encontrarlas, y traerlas al Pastor?

Felices nos haría al así poder hablar:

- Pastor, hemos salido tus ovejas a buscar;
y lejos las hallamos, después de pruebas mil,
y aqui te las traemos, que estén el tu redil-"

"Quantas ovelhas vagueiam! Caminham longe do redil / pelas montanhas
tristes, sofrendo frio e fome; / ou pelos bosques tenebrosos, no meio de
espinheiros, / ou pelos penhascos perigosos, a grande mal expostas. / Busquemolas,
/ em nome do Senhor, / e grande gozo estará reservado a quem puder / atraílas
a seu Pastor. /Oh! Quem irá buscá-las? Quem pela compaixão / de Deus irá
buscá-las, no lugar de sua perdição? / Quem se molestará, quem suportará dores
/ pelo prazer de encontrá-las e trazê-las ao Pastor? / Far-nos-ia felizes poder
assim falar: / - Pastor, saímos para buscar tuas ovelhas; / longe as encontramos,
após mil provações, /e aqui t'as devolvemos para que permaneçam em teu redil. "

2 | Fazei

Já consideramos dois princípios básicos que, caso tenham sido bem compreendidos, revolucionam o conceito que geralmente se tem sobre a evangelização. Devemos, porém, enfrentar uma terceira "revolução", ao estudar a próxima palavra contida no mandato do Senhor, a palavra **FAZEI**.

Para formar discípulos, requer-se o ato de ensinar ou doutrinar. Se até aqui entendemos que cada um dos crentes deve "ir", cabe também a cada um ensinar, doutrinar: "FAZER discípulos". Este é o lema e o Senhor deseja que cada redimido esteja ocupado nesta tarefa celestial.

Mas, temo que muitos de nós tenhamos dificuldade em entendê-lo, pois está longe daquilo que a maioria de nós compreendeu e praticou até agora. Para a maioria de nós "formar uma vida" é tarefa para teólogos. Segundo nossos esquemas, somente pastores e mestres podem fazê-lo. Entretanto, no começo não foi assim. Que teriam feito os Apóstolos e Anciãos, se não tivessem formado um exército de colaboradores?

De outro lado, torno a insistir em que mesmo a ação de atrair os pecadores é tarefa de cada crente. Devemos considerar os grandes movimentos evangelísticos como algo especial, e não como parte do processo normal. O trabalho individual de crentes fiéis produz fruto MELHOR E MAIS ABUNDANTE!

Talvez agora encontremos sentido na declaração de Paulo *"...completei a pregação do Evangelho de Cristo"* (Rm. 15:19). Ele não dependia da habilidade de seus próprios sermões, nem dos sermões que os pastores, mestres e evangelistas poderiam pregar: ele formou uma igreja que pregava, A IGREJA, ELA MESMA, ERA O SERMÃO! *"...partindo de vós não somente ressoou a palavra do Senhor... por toda parte, de maneira que não temos necessidade de dizer coisa alguma"* (1Ts. 1:8). Homens como Paulo podiam ser encarcerados, mas, a mensagem corria livremente. *"...Sofro estas algemas como malfeitor. Mas a palavra de Deus não está acorrentada"* (2Tm. 2:9). Assim se expressava Paulo. Entretanto, mais que palavras, era a realidade que essas igrejas viviam: os crentes eram *"nossa carta, conhecida e lida por todos os homens"* (2Cor.3:2).

Entretanto, isto, que parece tão lógico e tão bíblico, impõe uma mudança tão radical à igreja do século XX, que teremos de passar por uma profunda crise

para entendê-lo. Mas, é indispensável que o entendamos, uma vez que aqui se encontra um segredo, algo como uma chave de contato que pode acender uma fonte de poder, capaz de impulsionar a evangelização até aos confins da terra. Este é um ponto chave no plano perfeito de Deus.

Recordemos que estamos falando de "FAZER" discípulos, o que significa instruir, doutrinar, formar. Muitos de nós acreditamos que, porque apresentamos um "tratado", ou conduzimos uma pessoa à reunião e ela levantou a mão como sinal de "ter aceito Cristo", já está tudo pronto e que de aqui por diante só falta que assista às reuniões. Isto é o mesmo que pegar um bebê recém-nascido e privá-lo dos cuidados da mãe: morre irremediavelmente. A própria natureza no-lo ensina. Dar à luz pressupõe necessariamente o cuidado de um pai e de uma mãe e são tantos os cuidados que um bebê requer, que não é possível ter muitos de uma vez. Na ordem espiritual acontece a mesma coisa: Cristo formou apenas doze; tu e eu poderemos ocupar-nos talvez de um, ou dois, de cada vez.

Quando propomos um projeto desse tipo, geralmente pensamos em fundar uma escola bíblica. Entretanto, estamos descobrindo que a igreja seria mais razoável e poderosa que todas as escolas bíblicas, se voltasse a seu caminho original. Por isso a igreja dos primeiros tempos se movia dentro das casas. Não era uma obra baseada em reuniões, que se celebravam duas ou três vezes por semana num lugar central, senão que todos os dias e toda hora, de casa em casa fazia-se oração, pregava-se a palavra e se formavam os discípulos conforme o exemplo que lhes havia deixado o Mestre. Mas, isto só é possível, *se envolvemos toda a congregação!*.

Mais. Não é apenas aquele que está professando que necessita ser ensinado, senão também *aquele que ensina* precisa desse exercício. Nenhum discípulo pode ter uma vida espiritual sadia, se não cumpre sua tarefa específica e digna. Ao assumir a responsabilidade de formar outra vida, forma-se também a própria. Na verdade, não há instrumento mais eficaz nas mãos do Espírito para formar nossas próprias vidas do que dedicar-nos à tarefa de prover os cuidados e alimentos para outra vida. Os que o fazem, nunca se sentem aborrecidos, nem desorientados; sempre têm água limpa e fresca em sua fonte e se comprazem em poder ver e constatar as obras de Deus. São terra boa, que dá fruto e seu fruto permanece.

Não devemos buscar motivos para nos furtar à responsabilidade. Quando enfrentamos este assunto, muitos de nós, armados com uma falsa humildade, e sentindo-nos inúteis, não reconhecemos que somos o instrumento que Ele escolheu para levar a cabo sua obra. O "nada posso, Senhor" que muitas vezes invocamos, pode afetar a piedade e, não obstante, estar carente da mesma. Uma coisa é dizer: "Nada posso, Senhor", e outra bem diferente é dizer: "*Nada posso, Senhor... mas, tudo posso em Cristo que me fortalece!*". Cada redimido pode

declarar em verdade: "Nada posso por mim mesmo, MAS, CRISTO ME CAPACITOU PARA FAZÊ-LO"! Sabemos que em nós, em nossa carne, "não mora o bem" (Rm. 7:18). Mas, sabemos também que fomos escolhidos como "vasos" para ser morada do Espírito e que por esse motivo estamos perfeitamente capacitados para servir ao Senhor. Seria lamentável considerar-nos capazes por nossas forças; mas, seria igualmente lamentável diminuir ou desconhecer a autoridade que tem alguém que procede com o poder de Deus.

No primeiro caso, seria presunção, mas, no segundo, seria fazer de Deus um mentiroso e anular seus dons com nossa incredulidade. Ele se compraz em que seus filhos creiam em sua Palavra e se valham resolutamente de todos os recursos e da autoridade que Ele lhes deu. Eis a fórmula do poder:

"É Deus que envia e concede a autoridade e o poder. Os enviados crêem e obedecem às instruções com simplicidade de coração, sem questionar, confiando na fidelidade de Deus, que os enviou."

O que se segue não pode ser outra coisa que fruto abundante que permanece! Permitamos que o Espírito Santo grave em nosso coração a promessa daquele que nos envia:

Mt. 28:18-20 *"Todo o poder me foi dado no céu e na terra; ide, pois, fazei discípulos... E eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo".*

Agora cumpre-nos atuar. Mais. ESTA OBRA FOI CONFIADA SOMENTE A NÓS; não há outro ser no universo que possa realizá-la. Isto é verdade? Sim, é verdade, assim o Senhor ordenou; em vão trataremos de nos convencer de que Deus se valerá de outros instrumentos para realizar sua obra.

Já foi dito que, se nós nos calarmos, as pedras pregarão. Cristo disse que *"as pedras clamariam"*, mas não disse que as pedras *pregariam*. Antes se refere a nós como *"o sal da terra..."*, e esclarece: *"Se o sal se estragar"* - perder seu sabor - *"com quê se salgará"* ? (Mt. 5:13). Em outras palavras, se a igreja perder seu poder, de que outro meio poderia Deus valer-se para falar ao mundo? Dois pensamentos reforçam essa afirmação: primeiro, que foi o Senhor, "que faz todas as coisas conforme o desígnio de sua vontade", quem assim o determinou; segundo, nEle não há variação, Ele não muda.

Por conseguinte, devemos aceitar que, segundo a determinação do Senhor, recai sobre nós a responsabilidade da comunicação da sua mensagem ao mundo. Somos suas fortalezas e, se fracassamos enquanto tais, Ele se reserva o direito de exigir o sangue daqueles que escaparam de nossas mãos (Ez. 33:8). Muitos, tentando consciente ou inconscientemente livrar-se desta responsabilidade, crêem que qualquer omissão da igreja será suprida diretamente pelo Senhor e pelos anjos; mas, nas Sagradas Escrituras há exemplos que provam que para esta

tarefa o Senhor escolheu seus redimidos como único meio. Vejamos dois desses exemplos.

Um deles é o caso do anjo enviado a Cornélio (At 10:1-6). Neste caso surpreende-nos ver que a mensagem trazida pelo anjo contém apenas o nome e endereço da pessoa que tem que ser trazida para se lhe pregar o Evangelho. É o caso de perguntar: se o que o Senhor queria era que Cornélio ouvisse a mensagem da salvação, não era mais conveniente que o próprio anjo lha pregasse? Por que enviar um emissário angelical desde o céu, só para entregar o nome e o endereço de um pregador? Temos uma resposta preponderante: a missão de pregar o Evangelho do reino de Deus não foi confiada aos anjos, mas aos redimidos.

O segundo exemplo se refere ao Senhor no momento em que surge Saulo no caminho de Damasco (At 9:1-7):

- Saulo, Saulo, por que me persegues? é a voz celeste que ouviu.
- Quem sois, Senhor?
- Eu sou Jesus, a quem persegues...
- Senhor, que quereis que eu faça?
- Levanta-te e entra na cidade e ser-te-á dito o que deves fazer.

Notemos que o Senhor não contesta sua pergunta, nem lhe dá explicação alguma. Dá-lhe somente uma ordem: ir a Damasco; ali lhe dirão o que deverá fazer. Em seguida o Senhor aparece a Ananias, lhe dá todas as explicações que necessita e a ordem de ir à casa onde morava Saulo, para devolver-lhe a visão e para que ficasse cheio do Espírito Santo.

Por que era tão importante a intervenção de Ananias? Não teria sido mais simples, se o próprio Senhor tivesse feito o que encomendou a Ananias? Por que encomenda a um homem a tarefa que Ele cumpriu durante três anos e meio aqui na terra? A resposta é a mesma: agora somos nós os encarregados de levar o Evangelho. Deus se sujeita a seus próprios planos: homens redimidos realizarão a obra.

Alguns de nós queremos salvar a responsabilidade, aduzindo que é o Espírito Santo quem "convencerá de pecado ao mundo, de justiça e de juízo". Isto está correto, mas o que não está correto é conceber a obra do Espírito Santo separada da igreja. Tal obra não concorda com as Escrituras. O Espírito não se move separado da igreja: Ele caminha, mas são nossos pés que se movem. Isto é porque nós somos o "corpo" e a "boca" do Espírito. Nossa falta de fé e de submissão à vontade do Espírito está detendo a fluência do poder e da graça do Evangelho. Se, pela misericórdia de Deus, se nota um movimento entre os "ossos

secos", é porque os corações se estão abrindo e o Espírito está recuperando seu lugar de autoridade no Corpo.

Mas, dirá alguém, não era o Senhor que "...ajuntava outros a caminho da salvação"? (At 2:47). Sim; é certo, mas, se pensamos que Ele o fazia como uma obra separada de sua igreja, voltamos a nos enganar. É um conceito errôneo pensar que a igreja de Jerusalém celebrava reuniões de oração, enquanto o Senhor se movimentava por todos os lados, anunciando o Evangelho. O correto é aceitar os fatos tal qual estão registrados com abundância de palavras e exemplos. Era a igreja quem se movimentava e pregava a Palavra em todos os lugares; como resultado disto o Senhor "ajuntava outros a caminho da salvação".

Considerar que temos por nós mesmos poder para realizar a obra sem o Espírito seria um erro lamentável. Mas, seria igualmente lamentável pretender que o Senhor faça a obra, prescindindo do Corpo. Nós somos o "vaso", dentro está a fonte de água viva; ainda que sejamos feitos de pó, nosso corpo é "templo de Deus e... o Espírito de Deus habita em nós". Ao mover o vaso, move-se o templo, ao mover o templo... Deus se move. O Filho de Deus se encarnou em nós. Que privilégio glorioso! Como igreja somos o Corpo e Ele é a cabeça: acaso se move a cabeça sem o Corpo?

3 | Discípulos

Vimos que o mandato do Senhor nos impele a sair com o Evangelho fora das casas e enfrentar os pecadores justamente naquele lugar em que eles estão. Trata-se de "levar a eles a igreja" e não de que eles venham à igreja. Vimos também que esta missão compete a CADA UM dos redimidos sem exceção. Meditamos sobre a palavra "fazei" e descobrimos nela uma obra muito mais profunda que a de entregar simplesmente um tratado, ou comunicar uma mensagem ou um convite para assistir a uma reunião, senão que o chamado de Cristo exige que cada um dos enviados participe ativamente da transformação espiritual dos discípulos. Ao enviar os redimidos, tornou-os participantes, um por um, de sua graça, de seus dons e de seu poder. Como consequência, toca a cada um sentir-se responsável na execução da obra. Finalmente, ressaltamos que toda falta de cumprimento de nossa parte produz um proporcional debilitamento e até mesmo uma paralisação da obra, pois somente a nós foi encomendado esse ministério.

Agora toca-nos estudar a terceira palavra do grande mandato do Senhor à sua igreja e, assim, nos encontramos outra vez ante outra consideração igualmente revolucionária.

Se entendemos bem quem são os operários, a responsabilidade que lhes cabe e onde deve ser realizada a obra, agora consideramos a obra em si, uma vez que, sem esta consideração, tudo o mais de nada serve. Seria como dar a um carpinteiro as ferramentas, o dinheiro e os materiais necessários, tudo, menos as informações precisas sobre a obra que deve realizar. Por mais que se desdobre e se entusiasme, não poderá realizá-la. Pode ser um operário da máxima capacidade e talento, mas, se não está de posse das informações precisas para conhecer a índole do trabalho que lhe foi encomendado, não poderá realizá-lo, por mais que se esforce. O que um bom operário pretende é que sua obra seja aprovada e isto só é possível, se as indicações estão bem claras.

Já falamos a respeito das definições claras, e voltamos a realçar que um dos nossos grandes problemas se radica na nossa falta de definição.

O Senhor define com uma só palavra a obra que seus servos devem realizar: **DISCÍPULOS**.

Um retorno às Escrituras, para descobrir o verdadeiro caráter de um discípulo, nos surpreende. Ficamos impressionados pelo alto nível de conduta que o Senhor exige daqueles que pretendem segui-lo. Parece que aquilo que consideraríamos excelente, aos olhos do senhor seria um simples discípulo, sem muitos dons ou qualidades, e corremos o risco de ter qualificado de "salvos" a muitos que estão privados da vida em Cristo.

Sendo tão grande a importância deste ponto, e se nos propomos a cumprir o mandato do Senhor e a fazer "DISCÍPULOS", é necessário que nos dediquemos com toda seriedade a esta consideração, para ficarmos livres de qualquer confusão ou falsa confiança. Urge que entendamos bem o que é um "convertido", um "crente", ou melhor, um DISCÍPULO, segundo o conceito de Deus. Afinal, somos nós que teremos que entendê-lo e acomodar-nos ao seu plano, pois jamais o Senhor modificará o seu, para nos satisfazer. Ele não modificará seus planos, por mais que tornemos grandes e importantes nossos púlpitos, ou os movimentos chamados cristãos, sejam católicos, protestantes ou de qualquer outro ramo. O plano de Deus é invariável: ELE NÃO MUDA... NÓS TEREMOS QUE MUDAR!

Que nos sintamos fortes e sábios, sempre foi um problema para Deus. Ele prefere ver-nos tremendo ante sua palavra (Is. 66:2). Frequentemente Deus teve que inspirar "nossa teologia", nossos melhores livros e nossos "grandes mestres", os quais nos afastaram tantas vezes do contacto vital com Deus e do poder do Espírito Santo. Quantas vezes, sem o saber, erramos, substituindo a Deus por palavras, por livros e mestres, os quais nos fizeram andar às cegas, sem poder encontrar a saída.

Por todo o mundo, no povo de Deus, há um sentimento de que, em algum ponto crucial, nos desviamos do caminho. Urge uma profunda revisão!

O que é um Discípulo?

Este foi o nome que foi dado aos que seguiam a Jesus. São Mateus começa a usar o termo no cap. 5:1; a partir daí, o termo continua sendo usado nos quatro Evangelhos. O mesmo acontece na igreja de Jerusalém: foram denominados "discípulos" aqueles que seguem a Palavra. O mesmo aconteceu nas igrejas fundadas pelos apóstolos.

É importante sublinhar que o termo discípulo é empregado nas Escrituras para denominar tranqüila e simplesmente aquele que foi chamado "cristão" (At 11:26; 1Pd, 4:16). Devemos deixar claro o fato de que o termo "discípulo" não deve ser confundido com o de apóstolo, profeta ou com o de qualquer outro ministério ou dom. Um discípulo é um CRENTE, aquele que segue a CRISTO, UM REDIMIDO. O termo não tem relação alguma com uma vida espiritual superior ou

com algum serviço ou ministério na igreja. Repitamos: um discípulo não é nada mais nada menos que um CRENTE, um REDIMIDO.

O Que Caracteriza um Discípulo?

A palavra "discípulo" significa "aquele que aprende". Como é importante assinalar isto! O que se requer essencialmente para ser discípulo é que tenha uma disposição para aprender. No ensino secular esta é a condição exigida de cada aluno; somente será chamado com propriedade "discípulo", aquele que está disposto a aprender. Assim como o mestre deve estar apto para ensinar, o discípulo deve estar apto para aprender.

Em seguida requer-se do discípulo que aprenda com a finalidade de pôr prática o que aprende. Na ordem espiritual isto é verdadeiro num sentido imperativo. Exemplo disto é Jesus e seus discípulos: todo o seu ensinamento se dirige ao momento culminante em que poder-se-ia dizer-lhes: *"Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio"* (Jo 20:21). O fim que o Mestre perseguia com seu exemplo e ensinamento era que chegassem a ser semelhantes a Ele: caminhar como Ele caminhou e falar como Ele falou, para que pudessem ser os continuadores da obra que Ele tinha iniciado.

E é esta a vontade do Senhor, não somente para os que estão alocados como pastores da grei, senão que é para todos. João o expressou deste modo: *"Aquele que diz que permanece nele, deve proceder como Ele procedeu"* (1Jo. 2:6). E João não se está referindo a algo estático, senão que indica que cada um de nós deve imitar a imagem dinâmica de nosso Senhor e Mestre. Assim como Ele obedeceu, amou, agiu, pregou e se esforçou, assim também nós, que somos chamados seus discípulos. *Baste por ora dizer que um discípulo de Cristo é aquele que aprende, que vive o que aprende e que o comunica.*

Estudemos esta verdade sob outro aspecto: vejamos que coisas fundamentais caracterizam um discípulo: Nasceu do Espírito Santo, está sujeito ao Senhor e sofre por Ele e produz fruto.

1. Nasceu do Espírito Santo.

Talvez este seja o ponto mais conhecido e aceito neste tema, mas digamos outra vez: jamais poderá ser discípulo de Cristo quem não tenha sido "engendrado desde cima.

Jo 1:12,13 *"Mas, a todos os que o receberam, deu-lhes o poder de virem a ser filhos de Deus, àqueles que crêem em seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus".*

Se juntamos isto com o que nos diz Jesus em São João 3:6, teremos um quadro completo: *"O que nasce da carne é carne; mas quem nasce do Espírito é espírito"*.

O importante a notar aqui é como o Senhor põe em contraste as duas naturezas: carne e espírito. Não é que ele *"contenha"* o espírito, senão que, como diz o Senhor, *"é espírito"*. Operou-se nele um novo nascimento. Antes era terreno, agora é celestial; está convertido, está consagrado, porque o Espírito Santo o possui por inteiro. Assim com antes apresentava seu corpo para servir à iniquidade, agora, para sua santificação, apresenta seus membros para servir à justiça.

É alguém, cuja natureza foi mudada por Deus; portanto, considera completamente natural apresentar seu corpo como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Foi para isto que nasceu, foi para isto que Deus o regenerou. Antes era natural procurar o que é humano, terreno; agora sabe que sua vida está escondida com Cristo em Deus e que por isso busca as coisas do alto, onde está Cristo.

O Espírito Santo o introduziu na escola de Deus, para ser aconselhado, exortado e repreendido, até que aprenda a servir ao Senhor. Mas, este processo não lhe é pesado, é natural para ele, concorda com seus desejos mais íntimos: é seu anelo, sua paixão, seu ideal. Está preparado para sofrer pressões, passar por inconvenientes, sofrer perdas, por causa da fé. Sua única paixão é o chamamento de Deus em Cristo Jesus. Já não vive para si, senão para Aquele que morreu e ressuscitou por ele. Isto é o que quis o Senhor dar a entender, quando disse: *"Mas quem nasce do Espírito, É ESPÍRITO"*.

Este milagre acontece, quando o Espírito Santo o identifica com Jesus Cristo, realizando nele não somente sua cruz, mas também sua RESSURREIÇÃO. É na ressurreição que começa a vida. É certo que a vida espiritual tem seu gérmen na morte e sepultura de Jesus. Ali começa o processo da redenção, mas, só se torna manifesta na sua ressurreição: ali fica confirmado e adquire validade. Daí que a ênfase no discipulado não está somente em que *"Cristo morreu pelos ímpios"*, senão que também ressuscitou para que *"tenhamos vida nova"*. *"Pois, se estamos inseridos no solidarismo de sua morte, também o seremos no da ressurreição"* (Rm. 6:5).

Assim, nós, discípulos, estamos unidos a Cristo em sua morte e também em sua ressurreição, e é aí o lugar onde se opera a regeneração e onde nascemos para nova vida. De nada serve querermos identificar-nos apenas com a crucificação e morte de Cristo; isto é uma parte indispensável no processo da redenção, mas, sem a ressurreição, não tem nenhum valor aos olhos de Deus. Seu propósito não é somente *"crucificar nosso homem velho"*, mas também *"revestir-*

nos do novo". Ele deseja não somente levar à morte essa velha "*lei do pecado*", senão que deseja também que opere em nós "*a lei do espírito da vida em Jesus Cristo*" (Rm. 8:2). Foi por sua ressurreição que Cristo "*...fez resplandecer a vida e a incorrupção...*" (2Tm 1:10). Que valor teriam a morte e o sepulcro, se não houvesse a manhã da ressurreição? "*E se Cristo não ressuscitou, vã é vossa fé; e ainda estais em pecado*", diz São Paulo (1Cor. 15:17).

Não só creio que com este novo nascimento Deus tenha tido o propósito de devolver-nos a imagem de Adão antes da queda. Creio, antes, que, se Satã "cavou um poço" para nele afundar a raça humana, a resposta de Deus foi não somente a de tapar o poço, senão também a de construir sobre ele uma montanha! A redenção significou, e também glorificou aquele que Deus criou à sua imagem (Rm. 8:30; 1Cor. 15:45-49). Desfrutemos agora de uma glória, que só é comparável à do próprio Senhor (Jo. 17:22).

2. Está sujeito ao Senhor e sofre por Ele.

O sofrimento do cristão é um assunto pouco comentado e ainda menos entendido. Muitos crêem que o sofrimento do cristão é algo optativo, que depende da decisão de "consagrar-se" ou não; depende de ter que passar por perseguições, etc. Mas, Cristo nos ensina que o sofrimento está tão ligado à vida dos que o seguem, que não pode existir esta vida sem sofrimento! Não há cruz sem sofrimento e não há glória sem a cruz. Paulo deixa isto bem claro:

Rm. 8:17 "*Se filhos, também herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, CONTANDO QUE SOFRAMOS COM ELE PARA SERMOS TAMBÉM COM ELE GLORIFICADOS*".

O Senhor nunca enganou seus ouvintes com mensagens atraentes, que promettessem descanso, bem-estar e prosperidade mundana; antes procurava deixar bem claro que Ele exigia uma total renúncia, uma total entrega e que se tratava de um chamamento a valorosos, não a covardes. Marcos registra suas palavras: "Convocando em seguida a multidão juntamente com os discípulos, lhes disse:

Mr. 8:34-35 "*Se alguém me quiser seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me siga. Pois aquele que quiser salvar a vida há de perdê-la, mas aquele que perder a vida por amor de mim e pela causa do Evangelho, há de salvá-la*".

Não há dúvida de que no chamamento de Cristo a seus discípulos encontra-se envolvido algum tipo de sofrimento; mesmo que tal sofrimento seja o maior regozijo para seus discípulos e seja uma concessão amorosa que o Pai nos deu. "*Porque vos foi concedido não somente crer em Cristo mas também sofrer por ele*", dizia Paulo (Fl 1:29)

É preciso reconhecer a enorme importância dos termos com que Jesus faz seus chamados, uma vez que neles estão contidas as exigências do Evangelho.

São as condições sobre as quais Deus trata com o pecador. Ele estabelece as condições, não nós. Não é qualquer um que pode seguir a Cristo, senão somente aqueles que estiverem dispostos a obedecer às condições de seu chamamento. Seria uma ilusão pretender segui-Lo sem levar a sério as palavras solenes com as quais Jesus Cristo nos convida a segui-Lo. Sua requisição é clara, não variou através dos séculos e não admite acepção de pessoas.

Dissemos que este é o chamamento do Evangelho. Não se trata de certos privilégios ou exigências para aqueles que já estão salvos, senão que são as condições PARA A SALVAÇÃO: *"E chamando as gentes e a seus discípulos, disse-lhes..."* Em seguida acrescenta: *"Pois, de que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro e perder sua alma?"*. O Senhor não está apresentando uma questão de graus na vida espiritual, senão que está colocando a todos frente à disjuntiva: segui-Lo (se aceitamos suas exigências), ou não segui-Lo (se as recusamos). Em outras palavras: trata-se de salvação ou perdição.

Mas, qual é a cruz que seus discípulos devem carregar?

Não é a que Ele carregou; tampouco é a dos sofrimentos da vida, os quais são comuns a todos os homens: lutas pela subsistência, doenças, etc.; tampouco é aquela que o discípulo pode carregar em sua desobediência. Quanto a isto Pedro esclarece:

1Pe 2:20 *"Pois, que glória teríeis, se tivésseis de suportar bofetadas por algum delito praticado?"*.

Tampouco significa os encargos e sacrifícios que nós mesmos nos impomos sob o pretexto de "servir ao Senhor". Tudo isso é trabalho inútil (1Cor. 3:12-15). Então, qual é a cruz que Cristo quer que carreguemos?

Há três coisas que o Senhor estabelece e que revelam a classe de sofrimentos que seus discípulos devem enfrentar:

1. A negação de si mesmo, do eu próprio;
2. Carregar sua cruz;
3. Perder a vida por causa do seu Senhor e do Evangelho.

Na verdade, a exigência de Cristo pode se concretizar em qualquer uma das três concepções: *"negar-se a si mesmo"*, *"carregar a própria cruz"*, ou *"perder a vida"*. É evidente que, ao carregarmos nossa cruz, estaremos negando-nos a nós mesmos e colocando o valor total de nossa vida aos pés de Jesus. Qualquer uma das três posições que tomemos, envolve as outras duas. Assim, a "cruz" se expressa *naquilo que sofremos como resultado do nosso caminhar obedientemente após Cristo*. É o que padecemos por sermos seus discípulos; é o que padecemos por causa do reino dos céus. A vida normal de um discípulo fiel

impõe tal sofrimento. Dizia Paulo a Timóteo: *"Suporta comigo os trabalhos como bom soldado de Jesus Cristo"* (2Tm. 2:3).

Mas, o Senhor não envia seus discípulos ao sofrimento sozinhos; antes nos convida a *padecer junto com Ele*.

É esta a maior glória do discípulo. Paulo entendia isto cabalmente; para ele, *"conhecer a Cristo"* implicava *"participar de seus sofrimentos, tornando-me semelhante a ele na morte"* (Fl 3:10).

Ele não se estava referindo a sofrer a cruz de Cristo, senão a sofrer as lutas, os trabalhos e privações como discípulo do Senhor. Paulo entendia que os discípulos estavam chamados a completar a obra que o Senhor havia iniciado. Cristo tinha lançado o fundamento e os discípulos do Senhor eram os servos, por meio dos quais o Espírito Santo completaria a edificação:

Cl 1:24 *"Agora me alegro com os sofrimentos suportados por vós. Em minha carne supro pela Igreja, seu corpo, o que falta às tribulações de Cristo"*.

Esta é a cruz, o verdadeiro conceito de sofrimento. Isto é o que Cristo quis dizer, quando fazia o chamamento a todos os que pretendiam segui-Lo.

3. Produz Fruto

Parte 1

A terceira virtude que caracteriza um discípulo de Jesus Cristo é a de produzir frutos. Seria impossível possuir as outras duas, carecendo desta. Lembremo-nos que estamos aprendendo a fazer discípulos conforme o modelo que o Senhor nos traçou, e que o fruto é parte inerente do discípulo, pelo que devemos considerar este aspecto do estudo com a máxima atenção.

Entendemos que o tema não é fácil e teremos que trilhar um caminho bastante extenso, já que sobre este particular há muitas opiniões desencontradas. Na verdade não cremos que com este breve estudo possamos responder a todas as questões. Entretanto, procuraremos encontrar clareza e ficar livres de toda confusão, ainda que nossos conceitos tenham que sofrer mudanças radicais. Mantenhamos nossos corações abertos, dóceis às correções que o Espírito nos queira impor. Assim livraremos nossas almas de cantar "coroas", que nunca cingiremos, e triunfos, que nunca alcançaremos. Safemo-nos de toda possibilidade de errar o alvo e ser desqualificados como servos do Senhor. Consideremos, então, alguns pontos fundamentais quanto ao fruto do discípulo.

➔ Todo discípulo deve produzir fruto.

O fruto é a parte visível do discípulo, é seu testemunho, aquilo que está manifesto a todos e que o qualifica como tal. É o Senhor quem diz: "*Por seus frutos os conhecereis...*", e é precisamente pelos frutos que se conhece a um discípulo. O fruto é aquela parte nele que nos faz saber que estamos diante de uma vida aprovada por Deus.

A) Sua união com Cristo o garante:

O fruto no verdadeiro discípulo é consequência natural de sua união com Cristo, e essa união está garantida, por sua vez, por aquilo que tratamos anteriormente, isto é, por ter nascido do Espírito e por seu caminhar submetido à vontade de seu Senhor.

Estar em Cristo é condição indispensável para ter vida; deste modo somente os que estão unidos a Ele são salvos e entrarão no reino dos céus. Mas também é essa mesma união que garante o fruto. Deste modo, aqui há duas coisas que estão unidas e que nascem juntas da mesma fonte: vida e fruto. Se há vida, há fruto; se há fruto, há vida; há vida porque há comunhão com Cristo, fonte de vida. É assim que a união com Cristo produz:

1. Vida espiritual: salvação
2. Fruto.

Ou seja: **VIDA + FRUTO = DISCÍPULO**. Se tiramos qualquer um dos elementos, ficaremos sem o produto que Deus espera de nosso ministério. Mas, assinalemos com as próprias palavras do Senhor:

Jo 15:5 "Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, dará muito fruto: porque, sem mim nada podeis fazer".

Deixemos, pois, assentado este princípio fundamental: se a vida espiritual depende da união com Cristo e se, ao mesmo tempo, essa união é garantia de fruto, **NÃO PODE Haver DISCÍPULO VERDADEIRO SEM FRUTO**. Damo-nos conta disto? União com Cristo e fruto são duas coisas inseparáveis.

Há dois aspectos sob os quais a cruz opera em cada discípulo:

1º *Em sua vida pessoal, para mantê-lo puro:* Neste caso a cruz o liberta do pecado: a cruz se interpõe, separando-o do mundo e começa a vida no Espírito.

2º *No desenvolvimento do ministério que Deus lhe deu:* A cruz garante sua união com a fonte de toda vida e é aqui que começa a frutificação.

Foi precisamente para esta frutificação que o Senhor chamou seus discípulos: "*...e vos destinei para irdes dar fruto*" (Jo 15:16). Então, eles não estão chamados para gastar todas as suas energias ocupando-se de si mesmos. Quanto à vida pessoal, o Pai prometeu livrá-los de toda carga e empenho. Ele assim o faz, para que possam servi-Lo e produzir fruto. A vida de cada discípulo está destinada

a outros. Os discípulos, como seu Senhor, não estão aí para serem servidos, mas para servir!

Mas, voltemos a realçar este segundo aspecto, no qual a cruz opera na vida do discípulo: a cruz garante sua união com a Fonte de toda Vida e É NESTE PONTO ONDE NASCE O MINISTÉRIO QUE DEUS CONFIOU A CADA UM DOS SEUS DISCÍPULOS.

Nesta união vivencial do discípulo com Cristo é onde nascem todos os ministérios e operações. Não nascem da dialética, da homilética, nem de "profundos estudos de teologia"; não nascem de estudos bíblicos sistemáticos, nem da psicologia cristã, nem de alguma declaração de fé: NASCEM DE CRISTO, DA UNIÃO DO DISCÍPULO COM ELE. Este é o ponto de partida de todo ministério. Se tudo o demais nos ajuda de algum modo, usemo-lo, mas, se apenas nos ajuda a "inchar" o intelecto, lancemo-lo fora, porque atrapalhará o discípulo a produzir fruto. Será como a armadura que o rei Saul colocou em Davi: aos olhos de qualquer israelita era indispensável para a guerra, mas atrapalhava a Davi. Para ele eram suficientes a funda, cinco pedras e a presença do Senhor!

Não há dúvida de que tocamos aqui num ponto básico, essencial. É aqui que se dividem as águas: ou a abundância de vida e de fruto, caso a união seja verdadeira, ou a mera religiosidade estéril, cheia de confusão, se se trata apenas de uma pretensa união. Se vamos formar discípulos, esta é uma consideração decisiva: eles têm que aprender a permanecer unidos a Cristo. Por isso cuidaremos desta condição mais do que qualquer outra; será a medula do nosso ministério ao formar discípulos. O fruto de nosso labor dependerá do êxito que tenhamos neste ponto.

B) Sua união com Cristo garante fruto ABUNDANTE:

se o discípulo recebe do Senhor "vida... em abundância" (Jo. 10:10), será normal que todo o seu sucesso fique marcado por essa abundância. A escassez não é normal na vida dos discípulos de Cristo. E assim o Senhor o expressa: "*Meu Pai será glorificado, se derdes muito fruto, e assim sereis meus discípulos*" (Jo. 15:8). Isto é o que assinala o desejo do Senhor e é normal que se cumpra o seu desejo, uma vez que Ele deu "em abundância".

É claro, como já vimos, que este é um acontecimento onde o Senhor, ele mesmo, intervém: Ele é fonte de Vida e de Vida abundante; por isso todos os que estão unidos a Ele, mais do que intentar verter a vida, de fato não podem deter as torrentes de vida que fluem do seu interior. Devemos acentuar bem a verdade disto: Cristo não disse "*...aquele que permanece em mim, e eu nele, produz fruto*", senão que determinou a quantidade, exaltou a abundância desse fruto, dizendo: "*...produz MUITO fruto*".

O fruto abundante não acontece por ser excelente a pessoa do discípulo, senão por ser excelente a pessoa de Jesus Cristo, a quem aquele está unido. O ramo não é importante, senão o é a videira da qual se nutre. O Pai deseja que a união do discípulo com Cristo seja perfeita; isto é o que completa seu propósito, cumpre sua vontade. Seu plano está traçado sobre esta base: "...aquele que se une ao Senhor faz-se um só espírito" (1Cor 6:17).

Talvez Paulo nos dê uma das melhores ilustrações disto: sua vida e sua visão se conjugam para dar-nos um exemplo eloqüente de alguém que soube entender a verdadeira união com Cristo. Desta união resultou inquestionavelmente fruto superabundante. É uma lástima que, por ter-se um conceito errôneo do que seja ser um apóstolo, seu exemplo só ajude a tão poucos cristãos. Parece a muita gente que Paulo estava afastado da normalidade; que aconteceu a ele e aos demais apóstolos, como vidas para "um período que já passou", ou então como vidas de uma "espiritualidade gigantesca", que não é para todos. Mas, Paulo se esforçava para comunicar a todos os seus discípulos sua própria visão e edificá-los de acordo com a mesma vida que o Senhor Ihe havia comunicado, porque sabia que era a mesma vida que o Senhor queria comunicar a toda a sua igreja.

Em sua carta aos Filipenses, no terceiro capítulo, levanta o véu para deixar descoberto o segredo de seu mais profundo anelo e visão. Apenas uma coisa interessa a Paulo e, para alcançá-la, tinha perdido tudo, tudo o que considerava "esterco" (literalmente). Essa coisa era: CONHECER A CRISTO. Mas Paulo não era um monge, um místico que desejasse passar seu tempo em contemplações estéreis; suas intenções estavam carregadas de propósito, tinha uma intenção definida. No conhecimento de Cristo tinha descoberto a dinâmica de sua vida, sua meta segura. Interessava-lhe alcançar com esse conhecimento dois objetivos fundamentais:

1. revestir-se de poder, por causa da ressurreição de Cristo,
2. participar de seus padecimentos.

Com isto Paulo descreve seu conceito do que era para ele unir-se a Cristo. Mas Paulo também sabia que, para consegui-los, necessitava ser "semelhante a ele em sua morte". Paulo sabia que, para seguir a Cristo, necessitava "tomar sua cruz", "negar-se a si mesmo". Cristo tinha sofrido *sua* morte, na qual Paulo não podia participar pessoal e fisicamente, mas sim podia participar por sua própria morte, e esta, sim, era a morte que Ihe competia morrer, como compete morrer a todos nós que queremos seguir a Cristo. Neste sentido Paulo queria assemelhar-se à morte de Cristo. (Devemos distinguir entre "ser semelhantes a ele em sua morte" e "participar de seus padecimentos". Desenvolveremos este segundo ponto mais adiante).

Desta "morte de Paulo" nasceu sua união com Cristo; a isto Paulo chama "*conhecer a Cristo*". Para ele conhecer a Cristo era identificar-se com Cristo, unir-se a ele, e é aqui onde foi investido do "*poder de sua ressurreição*".

Paulo descreve isto claramente em Romanos 6:5:

Rm 5:6 "*Pois, se estamos inseridos no solidarismo de sua morte, TAMBÉM O SEREMOS NO DA RESSURREIÇÃO*".

Para Paulo a salvação não consistia em que Cristo tinha morrido, senão também que *tinha ressuscitado*. Para ele a morte de Cristo constituía a base legal sobre a qual Deus podia perdoar ao pecador, mas era a força de sua ressurreição que dava a vida, o poder para caminhar e fazer as obras de Cristo. Paulo não era um pregador de "religião", um simples doutrinador, senão que era alguém que se esforçava para conduzir os pecadores à vida em união com Cristo, para que ficassem plenos de sua graça e poder. Numa palavra, para que vivessem saturados da vida de Cristo ressuscitado e triunfante. Ele não esperava outra coisa de seus discípulos e, se tal vida não se manifestava, ele duvidava de sua verdadeira união com Cristo. Isto é o que Paulo a todos ensinava e de todos esperava; ele se esforçava e lutava sem cessar, para que seus discípulos produzissem fruto abundante.

O Senhor qualifica aos que crêem nele, dizendo que "*do seu interior brotarão rios de água viva*". "Rios" não são gotas; "rios" quer dizer torrentes de grande quantidade e de grande fluência: ele fala de abundância. Também ele garante a seus discípulos um frutificar abundante, quando diz: "*e todo aquele que produz fruto, (o Pai) o purificará, para que produza mais fruto*". Assim se estabelece uma constante de fruto e mais fruto, que indefectivelmente produz mais fruto.

Nosso Senhor sabia o que dizia; ele não nos enganou; tampouco exagerou. Ele conhecia o tipo de vida que daria a seus discípulos: eles "se encheriam de sua plenitude" e por essa plenitude glorificariam o Pai, produzindo MUITO FRUTO. Mas, como a consideração do fruto é uma questão básica na nossa missão de formar verdadeiros discípulos de Cristo, é necessário ajuntar outras considerações em outro capítulo.

Parte 2

Qual é o fruto do discípulo?

Poderia parecer desnecessária esta consideração, entretanto é possível que ela seja essencial. Talvez tudo o que antecede neste capítulo não seja para muitos

nada mais que uma maneira diferente de exprimir as coisas; mas, é possível que se encontre a maior dificuldade, ao procurar determinar o fruto do discípulo.

Convém lembrar que a igreja se tornou estéril muito mais por confusão em assuntos basilares, que por outra coisa. A falta de clareza volta e meia nos privou do sentido da direção, nos fez vacilar e nos tornou confusos e ineficazes. Determinar claramente qual é o fruto que o Senhor espera de seus discípulos é uma questão fundamental.

O fruto do discípulo, dirá alguém, será viver uma vida santa? Mas, que significa viver uma vida santa? Ou, que é a santidade? Significa proceder corretamente e com pureza? Mas, não acontece que muitas pessoas, sem conhecer a Cristo, vivem vidas imaculadas do ponto de vista ético? Será viver plenos do Espírito? Mas, - voltemos a perguntar-nos - qual será o fruto de uma vida plena do Espírito? Devemos deixar estas questões fundamentais sem explicação clara, ou acontece que cada discípulo tem uma função definida, um trabalho específico a desempenhar, o qual determinará seu fruto? Vejamos:

A) O fruto do discípulo não é aquilo que recebe, senão aquilo que ele reparte:

A vida do discípulo se projeta fundamentalmente em dois sentidos: um sentido vertical em direção a Deus, e um sentido horizontal em direção aos homens. O segundo sentido se divide por sua vez em dois aspectos: em direção à igreja e em direção ao mundo. Expressamo-nos com clareza:

- Em direção a Deus
- Em direção aos homens:
 - na igreja
 - no mundo.

É sumamente importante que observemos que estes sentidos, que marcam as áreas nas quais o discípulo grangeia e obtém fruto, se complementam perfeitamente, de tal maneira que seria difícil - se não impossível - abandonar qualquer deles, sem afetar seriamente aos demais. Perguntemo-nos: qual destas áreas é menos importante?

Ninguém ousaria deixar a primeira, uma vez que é óbvio que a própria vida do discípulo depende de sua união com Cristo. Mas, não seria igualmente perigoso dar toda importância à primeira em detrimento da segunda? E, quanto ao ministério entre os homens, qual dos dois será mais importante, o ministério para com a igreja ou para com o mundo? Se o discípulo deixar de comunicar a vida de Cristo aos que se perderam, logo chegaria ao fim a geração dos discípulos, a igreja deixaria de existir na face da terra antes de se completar. E, se se deixasse de cuidar dos que nascem, como teriam continuidade e como se formaria a igreja? Tornemos a afirmar que o discípulo obtém seu fruto:

- 1) Ao receber vida própria como consequência de sua união com Cristo,
- 2) Ao compartilhar essa vida com seus discípulos e
- 3) Ao compartilhar essa vida com os que estão mortos espiritualmente.

DEVE-SE COMPARTILHAR, para suprir à necessidade daqueles que o rodeiam. Assim fica fácil de entender que Deus encha o "vaso" de seus discípulos, para que eles, por sua vez, derramem o precioso conteúdo como bênção sobre os que o rodeiam. E não é de pequena importância considerar que isto, além do mais, É O QUE GARANTE QUE SEUS VASOS SEJAM CONSTANTEMENTE ENCHIDOS.

Aprendemos aqui algumas lições importantes na obra de Deus através de seus discípulos:

1) que o sentido *vertical* está inseparavelmente unido ao sentido *horizontal*. Aquilo que o discípulo recebe de Deus, deve distribuir entre os homens. Deus anseia manifestar-se aos homens e seus discípulos são os canais por meio dos quais ele o faz.

2) que o fruto do discípulo não é aquilo que ele *recebe*, senão aquilo que ele *distribui*. DEVEMOS FAZER CLARA DISTINÇÃO ENTRE O FRUTO DO ESPÍRITO (Gl 5:22) E O FRUTO DO DISCÍPULO (Jo 15:16)! O primeiro está representado por tudo aquilo que o Senhor dá aos seus, o qual ele concede em forma de graças, dons e autoridade. Se nos permitem usar uma alegoria, tudo isto deve ser considerado como "AS FERRAMENTAS DE TRABALHO". O Senhor vem buscar, não as ferramentas de trabalho, mas O FRUTO DO TRABALHO DE SEUS DISCÍPULOS! Daí a admoestação de Paulo a Timóteo: "...eu te exorto a reavivar a chama e o dom de Deus que recebeste..." (2Tm 1:6).

Esta última consideração é fundamental e é o ponto cardeal sobre o qual deve girar a mente de muitos, para adotar uma posição nova e revolucionária. Talvez nos ajudem as palavras do Senhor; Ele diz: "...eu vos escolhi a vós e vos destinei para irdes dar fruto..." (Jo 15:16). Deste modo, para o Senhor, o fruto do discípulo É O QUE ELE CONSEGUE INDO! Isto desvia nossa atenção da pessoa do discípulo e nos coloca em contacto com sua função, seu caminhar. Se a minha experiência em Cristo só se concretiza naquilo que o Espírito faz em mim, o Senhor não poderia dizer de minha experiência cristã: "*Do seu interior correrão rios de água viva*"... "*vós sois a luz do mundo*"... "*o sal da terra*"... "*...embaixadores em nome de Cristo*"... "*assim como o Pai me enviou eu vos envio*"... "*recebereis o poder... e sereis minhas testemunhas*", etc.

O mau servo, na parábola dos talentos, Mt. 25, pensou em guardar seu talento; saiu e o escondeu. Quando o senhor chegou, para requerer o fruto, chamou-o de "mau e negligente", e foi arrojado às trevas como servo inútil. Seu

Senhor não esperava a devolução daquilo que havia dado a seu servo, senão que esperava o *produto*, AQUILO QUE TERIA OBTIDO GANHANDO COM O TALENTO.

O servo inútil encontrou palavras de reprimenda ao seu senhor: *"sabia que és homem duro, que colhes onde não semeaste... pelo que tive medo e fui esconder o teu talento..."* É estranho, mas eu nunca ouvi alguém dirigir tais palavras ao seu senhor. Mas, devemos considerar solenemente que, ainda que não aflorem aos lábios de ninguém, são palavras que o Senhor lê em muitos corações. Porque a parábola do servo inútil denota exatamente o sentir íntimo de muitos que se chamam servos de Cristo. Há um sentimento inconfessável, o de que Deus impôs um encargo muito pesado, "que outros podem, mas que eu não posso...". O "temor" é algo comum entre os que se denominam cristãos: de medo, não agem, não pregam, não ministram... Será que não há algo mais atrás desse "temor"? Por acaso não será esta uma maneira eficaz de "enterrar o talento"? O discípulo fiel sabe que seu senhor "distribuiu" a cada um conforme sua capacidade. Devemos aprender a lição, e não pretender "conservar" os tesouros que o Senhor nos deu.

Enganamo-nos, se pensamos que o fruto que o Senhor espera de seus discípulos está demonstrado apenas por uma conduta piedosa, afetada. Não basta "ir às reuniões", "ler a Bíblia e rezar", "viver aparentemente a vida cristã...". Não nos jactemos, dizendo: "Ante mim brilha a glória..."; "Aleluia, estou salvo...". Ouçamos as palavras com que o Senhor conclui a parábola: *"Pois ao que tem muito, mais lhe será dado e ele terá em abundância. Mas ao que não tem, até mesmo o pouco lhe será tirado"*.

Tenhamos, pois, cuidado; ao formar discípulos, devemos ajudá-los a unir o "vertical" ao "horizontal". Aquilo, que o discípulo recebe, deve aprender a distribuí-lo entre os homens. E esse ministério deve estar dirigido a seus condiscípulos e ao mundo. É fundamental que entendamos que estas duas áreas são complementares, de tal maneira que devem ser consideradas INSEPARÁVEIS E CONSTANTES.

E assim o discípulo consegue seu fruto, comunicando aos outros aquilo que recebe do Senhor, ou seja, permitindo fluir a vida de Cristo que está nele. Os que entram em contato com ele não devem encontrar-se com alguém que é levado pelas circunstâncias da vida, senão com alguém que tem unção, vocação dada por Deus; alguém que recebeu uma graça, para distribuir bens espirituais entre seus irmãos e que, ao mesmo tempo, sofre de morte pela salvação dos que se perderam. Literalmente o discípulo tem a faculdade de COMUNICAR CRISTO através de si mesmo; de FORMAR OUTROS À SEMELHANÇA DA IMAGEM QUE ELE CONTÉM.

B) O grão de trigo:

Ao cair na terra, o grão de trigo morre. Qual é o fruto do grão de trigo? Será o talo, serão as folhas? A resposta não pode ser mais simples: outros grãos. O grão de trigo que morre e produz fruto é uma imagem eloqüente da história admirável da cruz. Qual é o fruto do Filho de Deus que morre? Só há uma resposta: *"havendo de levar muitos filhos à glória..."* Este é o fruto: os filhos do Reino. Em outras palavras: Cristo se multiplicou a si mesmo. O grão produziu outros grãos... o Filho produziu outros filhos.

Se usamos esta lição para encontrar resposta à nossa pergunta, não erraremos, dizendo que o fruto de um discípulo de Jesus Cristo é OUTROS DISCÍPULOS.

C) Características do fruto:

Após dizer estas coisas, asseguremo-nos de que este fruto deve ser produto de um encargo espiritual, levado a cabo com paciência, constância e oração. Não é nada fácil; é dar à luz, é engendrar espiritualmente (Jo 1:12,13; 3:6).

Não passa pela cabeça do verdadeiro discípulo aceitar como produto da cruz algo menos que um regenerado, alguém que tem unção e que está preparado, como ele, para produzir fruto. Diz o Senhor: *"Ai dos que ao mal chamam bem..."* (Is 5:20). Não será esta a razão da pobreza de muitas igrejas?

Deste modo aqueles que ele tiver ganho não serão estéreis. Por que todo esse trabalho de cuidar, corrigir, ensinar e alimentar? Porque assim estarão preparados para, por sua vez, produzirem o mesmo fruto. Assim se forma a cadeia da vida constante: vida que dá vida, que dá vida, que dá vida... etc. É como as aves. Qual ave pensaria em criar filhotes que não servissem para fazer ninhos e criar outros filhotes?

Lembre-mo-nos de que estamos falando de produzir discípulos, e não pastores, evangelistas, profetas ou apóstolos. Cada um tem autoridade concedida por Deus para distribuir a graça que recebeu. Mas, acreditamos que a graça de criar discípulos é comum a toda a igreja, e é a esta graça que nos referimos. Lembremo-nos aqui do que dizíamos anteriormente sobre o como Deus constituiu os membros do Corpo: ninguém é menos que "testemunha" e "sacerdote". Tal consideração talvez cause pasmo em muitos, já que está isolada da realidade que vive hoje a maioria das igrejas; entretanto, o que é impossível para o homem, é possível para Deus.

A experiência que assinalamos era comum na vida dos primeiros cristãos. Eram igrejas em que era abundante a vida e os discípulos se multiplicavam enormemente. Estes entendiam e criam que o próprio Filho de Deus estava literalmente entre eles; que Ele lhes havia dito: *"Todo o poder me foi dado no céu e na terra; ide, pois, fazei discípulos... E eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo"* (Mt 28:18-20). Deus pode exigir, porque Ele deu. Para um

mendigo não seria mais difícil comprar um automóvel que um quilo de pão, se lhe dêssemos o dinheiro para o fazer!

Recordemos que a chave do nosso ministério será que os discípulos aprendam a "perseverar" unidos a Cristo. Se a vida que nos deu o Pai é a vida do Filho, como poderemos ter essa vida e não proceder como Ele procedeu? É impossível ter a mente de Cristo e o Espírito de Cristo e não sentir compaixão pelas multidões perdidas. Ao vê-las com os olhos de Cristo, notaremos que estão "*dispersas como ovelhas que não têm pastor*", mas também desejaremos ardentemente pastoreá-las. É inevitável; será uma paixão, um zelo que nos consumirá, como consumia ao filho de Deus. E seja bendito o Senhor que nos deu a habilidade para fazê-lo!

O Exemplo de Paulo

Se tornamos ao exemplo de Paulo, verificaremos que ele fundamenta com precisão esta lição de forma conclusiva.

Dizíamos, faz pouco, que Paulo tinha renunciado a tudo para "conhecer a Cristo...", e assinalamos duas coisas fundamentais que ele desejava obter como resultado desse conhecimento:

- a) possuir a virtude de sua ressurreição
- b) participar de seus sofrimentos.

É esta última que nos dá a chave para a consideração presente:

Que significava para Paulo participar dos sofrimentos de Cristo?

Na carta aos Colossenses, Paulo no-lo torna claríssimo:

Cl 1:24 "*Agora me alegro com os sofrimentos suportados por vós. Em minha carne supro PELA IGREJA, SEU CORPO, o que falta às tribulações de Cristo*".

A seguir, Paulo exalta seu ministério, que fica concretizado em anunciar..., admoestar..., ensinar a todo homem..., a fim de apresentá-los todos perfeitos em Cristo. E termina a declaração, exaltando o poder de Cristo que lhe foi confiado para este precioso ministério: "É para isso que trabalho, lutando com a ajuda de sua força que age poderosamente em mim" (v.29). Quer dizer que, para Paulo, sua missão se concretizava numa só coisa: APRESENTAR A DEUS HOMENS PERFEITOS EM CRISTO JESUS. Sua paixão era:

- 1º - alcançar com o Evangelho aos perdidos e, em seguida
- 2º - doutriná-los, levando-os à perfeição.

É por esta causa que lutava e trabalhava, porque era precisamente para isso que nele agia poderosamente o poder de Cristo! Este era o seu chamamento, sua vocação, seu serviço, o próprio motivo de sua existência. Era para isto que o

Senhor Ihe havia dado vida, dons e poder. E era isto o que produziria o fruto que o Senhor dele exigiria.

Mas, não o fazia por ser apóstolo. Ele chegou a ser apóstolo porque foi fiel e cresceu na graça. Paulo não começou sendo apóstolo, nem tampouco teria chegado a sê-lo, se não fosse por sua obediência. Começou a fazer este mesmo trabalho quando era simples discípulo, logo depois de sua conversão em Damasco. E Paulo se esforçava por inculcar em todos os seus discípulos esta mesma visão e labor.

Além disso, Paulo não podia realizar a obra sem a ajuda dos discípulos que ele havia formado. A obra, que ele realizava, aumentava e se multiplicava não só por seus próprios esforços, senão também pelos **ESFORÇOS DO EXÉRCITO DE DISCÍPULOS QUE ELE TINHA TREINADO**. Estes estavam saturados pela mesma visão e estavam engajados na mesma missão que Paulo. Os olhos de Paulo buscavam incessantemente novos "discípulos" e Paulo tinha para eles um único lema: dar-lhes sua visão e ensiná-los a por a mão no "arado", que ele próprio manejava.

Que era, então, para ele participar dos sofrimentos de Cristo? Eram os cárceres, os açoites, as privações, os jejuns, a fome, os perigos? Não. Estas eram as marcas, as conseqüências de seu labor; mas, o seu labor era cumprir em sua carne o que faltava às aflições de Cristo por seu corpo, que é a igreja. Para Paulo, "Cristo sofreu a cruz, menosprezando o opróbrio", "PELO GOZO POSTO DIANTE DELE". Esse gozo de Cristo estava expresso na palavra profética: "Anunciarei teu nome a meus irmãos, no meio da assembléia te louvarei... Eis-me aqui, eu e os filhos que Deus me deu" (Hb 2:12,13).

Paulo tinha entrado neste gozo de Cristo. É como se o Senhor tivesse posto a mão nos seus ombros e, abrindo um véu nos céus, Ihe tivesse permitido contemplar uma imensa, incontável multidão de seres que, perdidos em meio àquela glória excelsa, cantavam, louvavam e serviam ao Senhor, enquanto este Ihe dizia: "Vês, Paulo? Este é o gozo que me foi proposto: para isto sofri. Mas, eu coloquei apenas o fundamento, agora vem a edificação e tu e teus irmãos serão os construtores. Não temas, porque meu poder estará com todos vós até o fim. Agora devo padecer para a edificação da igreja... mas, vós padecereis comigo..."

Esta é a visão que impregnou Paulo, imprimiu vida e sentido a seu ministério; este é o alvo para o qual se projetava com toda coragem... Para ele era apenas questão de alinhar-se ao propósito de Deus, e sabia que todo o poder do céu estaria com ele.

Perguntemo-nos: como responderia Paulo à nossa pergunta? Qual era para ele o fruto de um discípulo? Sem dúvida Paulo responderia: **OUTROS DISCÍPULOS!**

Se vamos formar verdadeiros discípulos, não fiquemos confusos quanto ao propósito de Deus para suas vidas. Uma pequena confusão quanto a uma questão tão fundamental nos faria perder o rumo e nos afastaria dos verdadeiros propósitos de Deus; careceríamos da unção e do poder do Espírito e seríamos os mais miseráveis de todos os homens. Quão terrivelmente triste seria pretender ser servos de Deus, mas confusos e desorientados quanto à meta, à visão, ao propósito de nosso ministério!

Como "produzir fruto" influi na vida do discípulo?

Não é menos importante considerar os extraordinários benefícios que o discípulo recebe como consequência do seu esforço para produzir fruto para seu Senhor. Quando o discípulo se esforça para produzir fruto, está sendo colocada uma peça fundamental de sua poderosa armadura cristã: está com "os pés calçados, prontos para anunciar o Evangelho da paz" (Ef 6:15). Tal situação oferece de fato a cura para muitíssimos males, que produzem achaques na cristandade desvalida e desorientada de nossos dias. Quando o discípulo aprende a exercitar a vida que há nele, com a finalidade de produzir fruto, NESTE ESFORÇO SAUDÁVEL CONSERVA SUA PRÓPRIA VIDA!

Dever-se-ia escrever um capítulo inteiro sobre este tema, mas aqui somente faremos menção de alguns benefícios.

A) Desenvolve-se espiritualmente ao esforçar-se para produzir fruto:

"É bom para o homem levar o jugo desde a sua juventude..." (Lm 3:27). O discípulo nasce com o jugo do serviço sobre si e imediatamente começa a esforçar-se para produzir o precioso fruto que seu Senhor dele espera. Isto lhe impõe necessariamente um esforço espiritual e logo se sentirá envolvido numa luta contra os "dominadores deste mundo tenebroso" (Ef 6:12). Aprenderá a usar as poderosas armas do Senhor (2Cor 10:4); aprenderá a interceder em oração, a exercitar o amor, a paciência e toda outra qualquer graça que o Senhor tenha nele depositado. Essas virtudes entram em operação apenas quando o discípulo se coloca na situação e com o propósito para o qual foi chamado.

B) Aprenderá a redimir o tempo:

Isto é indispensável, porque não poderá produzir fruto, se não dedica tempo a esta tarefa. Há uma parte essencialmente prática no produzir fruto. Inclinar o "cântaro da vida", para que algum sedento sacie sua sede, nos fala de:

- um determinado lugar,
- um determinado tempo e
- uma determinada pessoa,

Três coisas eminentemente práticas, que muitos parecem ter dificuldade em relacionar com seu conceito de "vida espiritual". Os homens de negócio dizem: "Tempo é ouro, mas para o discípulo o tempo é vida; é o "cofre" onde está contida toda a sua oportunidade para viver e produzir fruto para seu Mestre. Os melhores desejos e intenções morrem todos no momento em que se diz: "não tenho tempo"! O discípulo, pois, aprende a "arranjar tempo" para produzir fruto.

C) Desfruta dos cuidados do seu Senhor

O Senhor prometeu cuidar dos que o servem e prodigar-lhes seus favores e misericórdias. Prometeu alimentá-los física e espiritualmente; prometeu carregar suas cargas. Ele nunca prometeu bênçãos aos que o servem. É o discípulo que goza destes cuidados e favores, os quais o confirmam na fé e o fazem sentir a presença constante do Senhor.

Desta maneira o discípulo experimenta em si mesmo o correr da água da vida, porque vê saciarem-se os sedentos; experimenta a efetividade de "carregar a cruz", vendo como outros nascem para a vida em Cristo. "O grão de trigo que cai na terra morre e produz fruto" é para ele um fato que ele experimenta constantemente, é algo vivencial. Isto o faz sentir-se aprovado e ele desfruta constantemente da paz e do gozo do seu Senhor. O prazer de produzir fruto e ser aprovado pelo Senhor é algo que se começa a desfrutar aqui e agora.

A Multiplicação

Ninguém que tenha um mínimo conhecimento das Sagradas Escrituras questionaria o enorme interesse que Deus coloca na multiplicação. Desde as primeiras páginas do Livro o vemos mover-se neste "negócio". Concorda com seu próprio caráter; seu anelo é realizar, criar multiplicar. Ele espera uma colheita de cada um dos seus redimidos e isto não pode indicar outra coisa senão multiplicação. A primeira igreja se multiplicou grandemente; esse foi o fruto que revelou que tinha vida e que era aprovada pelo Senhor.

Nestes últimos tempos fixamos o olhar nos diversos meios de comunicação de massa. Pareceu-nos que os enormes recursos do nosso século nos "aliviarão" do peso de ter que caminhar e falar ao modo de Cristo e dos apóstolos. Mas, evidentemente o Senhor nos abandonou à mercê de nossa complicada "maquinaria". Como foi difícil e custosa a experiência! Mas, agora estamos retrocedendo de nossas "maravilhosas descobertas" e tornamos a perguntar-nos: qual será o método para alcançar aos que estão perdidos?

Ouvi pessoalmente a Billy Graham dizer: "Aquele que é capaz de ter êxito no trabalho pessoal terá feito mais que eu". Se, em lugar de fazer o "trabalho pessoal", segundo o critério que comumente se tem disto, fizéssemos discípulos,

como nos ensinou Cristo, seguramente teríamos encontrado a chave da mais assombrosa multiplicação.

Fizemos alguma vez a conta das cifras que se alcançariam, se cada um dos redimidos produzisse somente um por ano, e se esse um tivesse vida para continuar a corrente? Ainda que não houvesse igreja alguma na terra e começássemos este ano com apenas dois discípulos; no segundo ano seriam quatro; no terceiro, oito; no quarto, dezesseis, etc. Em trinta e dois anos teríamos ultrapassado a totalidade dos habitantes da terra: quatro bilhões; em quarenta anos teríamos alcançado a cifra de UM TRILHÃO, ou seja, teríamos ultrapassado 250 vezes os habitantes do mudo.

Esforçamo-nos, fazendo estatísticas, e nos assustamos ao comprovar que o crescimento demográfico caminha num ritmo mais acelerado que o crescimento dos cristãos. Não é preciso preocupar-nos tanto, se aceitamos o método simples e eficaz de Deus. No cálculo que fizemos há pouco começamos com apenas dois discípulos na terra para iniciar a obra, mas, que seria se o Espírito começasse a mover as multidões de crentes que hoje existem?

Penso que o Senhor tem um plano para esta hora. Enquanto esse plano vai se revigorando em todo o mundo, unguindo a seus servos com o azeite fresco de seu Espírito Santo, o Senhor certamente sussurrará aos ouvidos de milhões de seus servos: "Ide e fazei discípulos..."

Apêndice

Observações:

Por amor àqueles que possam ter dificuldade em aceitar alguns dos conceitos que foram propostos neste estudo, creio que será bom considerar por alguns momentos estas dificuldades, sem pretender satisfazer a todas as perguntas.

1) Este ministério compete também às irmãs?

A resposta é sim, já que o fazer discípulos é a ocupação constante e comum de toda a igreja. Recordemos que estamos falando de fazer discípulos e não pastores ou mestres. Igualmente devemos lembrar que o Senhor concedeu a cada membro do Corpo, não só a faculdade de ter, senão também a de transmitir. Para isso o Pai prometeu a unção do seu Espírito *a cada um dos seus filhos* (At 1:8 - 2:38,39), e nisto não há diferença entre homem e mulher.

Na verdade é indispensável que *toda a igreja* se considere igualmente responsável desta tarefa. Os discípulos não podem ser formados assistindo a cultos, reuniões, etc. É necessário passar horas doutrinando-os em pequenos grupos e em constantes encontros pessoais. Sendo assim, o sexo representa sérios inconvenientes, se pretendemos que os varões se dediquem a esses encontros com as mulheres. Mas é ideal que as irmãs o realizem com outras mulheres, e vice-versa.

2) Qual seria a situação daquele que, ainda que diga ter conhecido o Senhor por vários anos, não fez um só discípulo?

Em primeiro lugar devemos reconhecer que tal situação é anormal e, sendo assim, devemos procurar os motivos dessa anormalidade nos obstáculos colocados pelo "inimigo" e que conspiraram contra o seu desenvolvimento espiritual. Fundamentalmente haveria dois obstáculos, dos quais outros derivam:

a) Que a pessoa não possua o Espírito Santo: certamente, em tal caso, não pertence a Cristo: "*Mas vós não viveis segundo a carne mas segundo o espírito, se de verdade o Espírito de Deus habita em vós. Se alguém não tem o Espírito de Cristo, não é de Cristo*" (Rm 8:9). Isto não precisa de explicação; as Escrituras e a experiência deixam clara essa possibilidade.

b) Se for uma criança: há aqueles que permanecem "crianças" e, portanto, são inábeis para servir ao Senhor. A esses cabe a admoestação: "*A julgar pelo tempo, já devíeis ser mestres! Contudo ainda necessitais que vos ensinem os primeiros rudimentos da palavra de Deus.... quem se alimenta de leite não é capaz de entender uma doutrina profunda (isto é, conformar-se com a vontade divina em*

intenção, pensamento e ação: Versão Ampliada T.L.F.) porque é ainda criança" (Hb 5:12,13).

Mas convém perguntarmos, quê pode ter causado esse estado espiritual de "criança"? Podemos anotar pelo menos dois motivos principais:

Não sabe, porque não lhe ensinaram: neste caso não se lhe fez conhecer a verdadeira responsabilidade de um discípulo de Jesus Cristo, não foi ajudado a investir-se da unção do Espírito, nem a revestir-se de seus dons e autoridade espiritual. O discípulo viveu na ignorância de todas estas coisas por falta de *ensinamento e exemplo*. Tal como os pastores, assim os crentes; o ensino e o exemplo se constituem no "meio ambiente" em que se desenvolvem os discípulos. É como que a "matriz" onde são formados. Esta é uma consideração fundamental e, neste caso, a responsabilidade é dos pastores e mestres.

Não sabe, porque é negligente: não prestou atenção, o ministério que recebeu não afetou sua vontade. Não tem a capacidade de pesar o valor do que é espiritual. O ensinamento não chega até ele, não se sente chamado. É subjetivo: tão sobrecarregado com seus próprios problemas, planos e interesses que não tem ouvidos para ouvir, nem olhos para ver os problemas dos outros...

Percebemos quão grave é este caso? Estamos na presença de um coração insensível à voz do Senhor. Daí à incredulidade e à rebelião (ou seja, um coração não regenerado), falta só um passo...

Esta situação se assemelha muito à descrita pelo Senhor na parábola do semeador (Mt 13), relativamente à semente que caiu entre pedregulhos... e não tinha raiz; e à que caiu entre espinhos... e os espinhos a sufocaram.

Completaria esta consideração uma leitura sem preconceitos de Hebreus 5:12 a 6:12. Alguns de seus parágrafos nos dizem:

"A terra que bebeu as chuvas abundantes e produz plantas úteis ao agricultor é abençoada por Deus. A terra que só produz espinhos e abrolhos é abandonada. Está próxima da maldição e seu fim será o fogo. Mas, quanto a vós, caríssimos, estamos persuadidos de que vos achais numa situação melhor e mais favorável à salvação, ainda que falemos daquele modo. Porque Deus não é injusto e não esquecerá as obras e a caridade que mostrastes por amor de seu nome, vós que servistes e continuais a servir aos santos. Desejamos que cada um de vós mostre o mesmo empenho em guardar intacta a esperança até o fim e que, longe de vos tornardes negligentes, sejais imitadores daqueles que pela fé e paciência se fizeram herdeiros das promessas".

3) Se dizemos que não há discípulo sem fruto, por quê o Senhor diz que alguns "serão salvos como que pelo fogo"?

Tal pergunta se baseia nas palavras de Paulo: *"Se sobre este fundamento (Jesus Cristo) alguém edifica... madeira, feno, palha, a sua obra ficará manifesta, pois em seu dia o fogo o revelará... e aquele cuja obra for consumida sofrerá o dano; ele, todavia, se salvará, como quem passa pelo fogo"* (1Cor 3:12-15).

Alguns interpretam que "madeira, feno, palha" indicam pecados de diversos tipos e origens. Mas, isto é contrário aos ensinamentos claros das Escrituras, onde enfaticamente se nos assinala: ...*"e a santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor"* (Hb 14:12); *"Não sabeis que os injustos não possuirão o reino de Deus?"* (1Cor 6:9); *"Não ameis o mundo nem o que há no mundo. Em alguém que ama o mundo não mora o amor do Pai"* (1Jo 2:15); *"Se fôsseis do mundo, o mundo vos amaria como seus. Como não sois do mundo, mas eu vos escolhi do mundo, por isso o mundo vos odeia"* (Jo 15:19), etc.

Será melhor aceitar a palavra tal como se expressa e admitir que se trata de *"edificar"* sobre Cristo. Quer dizer: *trata-se de obras que são executadas "em nome do Senhor"... "para sua glória", mas que serão reprovadas pelo Senhor, porque não são as que ele mandou fazer.* Será mais saudável admitir esta interpretação, uma vez que é a única que está em harmonia com o restante dos ensinamentos do Senhor. Assim estaríamos dispostos a admitir que este crente pelo menos se esforçou por edificar, procurou ganhar algo para seu Senhor com seu "talento". Não é o caso do servo "mau e negligente", que "enterrou seu talento". Sem dúvida, o que fez, fê-lo com sinceridade, querendo agradar a seu Senhor: ainda que sem entender de que se tratava, e sua obra foi queimada.

É preciso advertir o cuidado que devemos ter de não colocar-nos *voluntariamente* na situação de "salvos por fogo"! Muitos quiseram encontrar nesta passagem uma porta de escape, uma espécie de indulgência para descuidar de seu caminhar em Cristo e, ao mesmo tempo, para sentir-se salvos, por ter "fé nEle". Nada mais perigoso. Se excepcionalmente as obras de algum redimido foram desqualificadas, apesar de seus esforços por agradar ao Senhor, quanta condenação nos caberia, se pretendêssemos descobrir num exemplo como este uma maneira de safar-nos da obrigação de dar tudo a Cristo e, ao mesmo tempo, herdar a vida eterna? Isto seria literalmente "forçar as Escrituras para nossa própria perdição"! Enxergamos isto com clareza? Seria o mesmo que dizer: Gosto deste caso. Se ele se salvou, eu posso fazer o mesmo... Afinal, que me importa produzir fruto para o Senhor?... eu não desejo agradar ao Senhor, só me interessa salvar minha alma... Como verá o Senhor um tal coração?

Do mesmo modo alguns invocam as palavras de Paulo a Timóteo: "*Se lhermos infiéis, ele permanecerá fiel*" (2Tm 2:13), pretendendo que os infiéis herdarão a vida eterna. Dá vergonha, dizer semelhante coisa, mas conversei com muitos crentes, os quais praticamente baseavam a segurança da sua salvação sobre: "poderei ser salvo como que pelo fogo"... "se fôr infiel... ele permanece fiel". Isto poderia muito bem ser chamado de "*teologia de Satanás*".

Alguns escutam a Palavra de Deus para ser santos e agradar ao Senhor, servindo-o com temor e reverência; outros, ao contrário, desejam agradar apenas a si mesmos... mas, sem perder a salvação. Procuram chegar tão perto do "precipício" quanto seja possível, mas, sem cair. Será isto possível?

Quando formos formar discípulos, devemos colocá-los resolutamente alinhados à *regra de Deus* e não lhes permitir "cavar" para si exceções. Este é um jogo muito perigoso, que facilmente os fará sofrer a sorte dos hipócritas. Devemos ter cuidado com os profundos males que se originam dos conceitos falsos. O diabo também se considera "excelente mestre das Escrituras" e tem enganado a muitos!